

COMUNICAÇÃO / PAPER

António Manuel S. P. Silva; Filipe Pinto; Laura Sousa; Pedro Pereira

Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal). Primeiros elementos para uma sequência longa (sécs. IV-XI)

O *Castelo* de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal) situa-se num esporão rochoso com a altitude máxima de cerca de 57 metros, caindo quase abrupto sobre a margem esquerda do rio Douro. A ocupação humana antiga deste local, que remontará provavelmente à proto-história, teve particular expressão a partir do Baixo Império romano, em associação com a utilização, provavelmente portuária, de duas pequenas enseadas adjacentes e de outros vestígios próximos, como uma via antiga e uma necrópole.

As investigações arqueológicas no Castelo de Crestuma iniciaram-se em 2010, com campanhas de escavação anual que revelaram que a elevação foi objecto de uma ocupação intensa, testemunhada sobretudo por milhares de entalhes e outras estruturas negativas, a partir dos finais do Império, altura em que ali se terá instalado um ponto de defesa do rio e do cais que se supõe ter existido no sopé.

Entre o abundante espólio arqueológico avulta naturalmente a cerâmica, que evidencia a existência de significativos materiais importados na Antiguidade Tardia, ao mesmo tempo que outros fabricos de louça comum parecem proceder de um âmbito local ou regional. A comunicação proposta constitui o primeiro ensaio de sistematização das principais produções cerâmicas identificadas em Crestuma ao longo de 700 ou 800 anos de ocupação do local. Para além das sigillatas claras norte-africanas, hispânicas tardias e do Próximo Oriente, documentam-se cerâmicas cinzentas tardias dos séculos V-VI, ânforas e vasilhame de transporte mediterrânico e diversas séries de louça doméstica comum, as mais recentes com paralelos regionais nas cerâmicas cristãs do período da Reconquista (sécs. IX-XI).

- Comunicação

- Tema: AS CERAMICAS NO SEU CONTEXTO ou O MEDITERRANEO E O ATLANTICO